A OTAN VAI LUTAR?

*Por Richard Kemp**

Kenzo Tribouillard/AFP via Getty Images.

Na Europa, glórias passadas são denegridas, estátuas de heróis nacionais são derrubadas e o espírito patriótico dos países membros é cancelado. Quantos europeus responderão a um chamado nacional depois de anos sendo educados para desprezar o próprio país?

A Grã-Bretanha é o inimigo público número um do presidente russo Vladimir Putin. Em março, o Kremlin classificou o primeiro-ministro britânico Boris Johnson como o líder antirusso mais ativo. Alguns dias atrás, na televisão, o propagandista de Putin, Dmitry Kiselyov, sugeriu fantasiosamente que a Rússia deveria afogar a Grã-Bretanha em um tsunami radioativo criado por torpedos nucleares Poseidon que deixaria os sobreviventes em "um deserto radioativo, incapaz de qualquer coisa por muito tempo".

Putin está irritado com a posição da Grã-Bretanha sobre a Ucrânia, levando a Europa e grande parte do mundo a sanções agressivas contra a Rússia; e derramando ajuda financeira e militar, além de informações secretas decisivas para ajudar a manter Kiev na luta.

Escusado será dizer que os estados da linha de frente que enfrentam a Rússia têm uma visão oposta do Reino Unido. Durante as visitas à Polônia e à Finlândia nas últimas duas semanas, o entusiasmo pela Grã-Bretanha era palpável – entre políticos, militares e pessoas comuns. Como britânico, não me lembro de uma recepção tão calorosa em nenhum lugar do mundo, exceto talvez nos EUA, quando ficamos firmemente ao lado deles após o 11 de setembro.

Polacos, finlandeses, letões, lituanos e outros vizinhos próximos do valentão russo também apreciam o papel de vanguarda do Reino Unido no desdobramento preventivo da OTAN, posicionando forças de combate aumentadas em seu território ao lado de outros aliados, predominantemente os EUA.

Promessas dos líderes da OTAN de que Putin enfrentará as consequências se algum de seus soldados colocar uma ponta do pé no solo da OTAN, é claro, tranquilizam esses países sitiados. Mas estamos dando a eles falsas esperanças? Os estados do leste podem realmente confiar nos membros da OTAN dos EUA e da Europa Ocidental para ajudá-los se entrarem em uma briga com a Rússia? Será que realmente jogaríamos nossos jovens contra o rolo compressor de Putin – até mesmo o rolo compressor em ruínas que vem abrindo caminho pela Ucrânia?

Se o sangue da OTAN seria de fato derramado caso a Rússia invadisse a Polônia ou os países bálticos, por que rejeitamos totalmente a perspectiva de derramá-lo para ajudar a proteger a Ucrânia dos assassinatos em massa, tortura, estupro e destruição de Putin? A Ucrânia não é membro da OTAN e os estados da OTAN não têm a obrigação do tratado de vir em sua defesa como fazem uns com os outros. Mas isso é certamente apenas um detalhe técnico, algumas linhas em uma página. Não há diferença prática ou moral entre proteger um amigo que é membro da aliança e um que não é.

Um general alemão, que já foi chefe da Bundeswehr, me disse outro dia que acredita que a OTAN como um todo lutará se for preciso. Ele citou a unidade demonstrada na campanha aérea de Kosovo em 1999 e nas operações contra o Talibã no Afeganistão depois de 2003. Ambos, especialmente o Afeganistão, arriscaram a vida dos soldados da OTAN, mas nunca sofreriam nada parecido com a escala de baixas a ser esperado em uma guerra com a Rússia. Embora estatísticas precisas não estejam disponíveis, é provável que os ucranianos mortos e feridos em quase três meses de guerra tenham excedido amplamente todas as baixas da OTAN em todos os conflitos em que as forças da OTAN já se envolveram, incluindo Iraque, Afeganistão, Kosovo e África.

Nenhum desses conflitos anteriores jamais correu qualquer risco de ataques convencionais, em oposição aos terroristas, contra as pátrias dos membros da OTAN. Nunca houve qualquer perspectiva de ataques aéreos a Berlim, Paris ou Londres, como haveria se fôssemos à guerra com a Rússia. Ao citar conflitos anteriores, não estamos comparando iguais com semelhantes.

Depois, há a ameaça nuclear. No caso de uma guerra mais ampla entre a OTAN e a Rússia, é improvável que isso se concretize, mas poderia, e essa pequena possibilidade por si só, compreensivelmente, aterroriza os líderes da OTAN. Como os cães de Pavlov, eles se atropelam para renunciar a qualquer intenção de envolvimento militar na Ucrânia cada vez que Putin sopra seu apito nuclear usado em demasia. Suas ameaças são realmente muito convenientes para os líderes da OTAN, porque a última coisa que eles querem fazer é lutar na, ou pela, Ucrânia, e quase ninguém questiona a sabedoria de não tomar nenhuma ação que possa provocar o Armagedom.

Mas se o terror nuclear se aplica à Ucrânia, por que não se aplica a nenhum país da OTAN que se torne alvo da agressão militar russa? Por que os líderes da OTAN temeriam menos as armas nucleares de Putin se ele der uma mordida na Polônia ou nos países bálticos? A realidade é que, se é verdade que a OTAN não poderia arriscar uma intervenção sobre a Ucrânia por medo de uma retaliação nuclear russa, não poderia arriscar uma intervenção sobre, digamos, a Letônia pelo mesmo motivo. Ou algumas linhas em uma página realmente justificam o risco de uma guerra nuclear por uma "discussão em um país distante, entre pessoas das quais nada sabemos" (para emprestar as palavras de Chamberlain dos anos 30)?

A OTAN demonstrou ser um aliado pouco confiável no ano passado. Quando o presidente dos EUA, Joe Biden, tomou a desastrosa decisão de retirar as forças americanas do Afeganistão sem quaisquer condições, o secretário de Defesa britânico afirma ter abordado todos os outros países da OTAN com forças ali posicionadas, pedindo-lhes que considerassem permanecer em uma força liderada pelo Reino Unido após a retirada dos EUA. Ele disse que não havia compradores. Nenhum país estava disposto a honrar suas obrigações para com o governo e o povo afegãos.

A rendição abjeta e a humilhação da OTAN no Afeganistão, agravada pela sua indulgência com o gasoduto Nord Stream 2 da Alemanha, incluindo a reversão de Biden da oposição de Trump a ele, e as primeiras garantias dos EUA de que não haveria intervenção militar se a Rússia atacasse, levaram diretamente à invasão de Putin de Ucrânia. À medida que a "operação militar especial" se desenrolava, as contínuas afirmações da OTAN de que não tomaria nenhuma ação contra a Rússia além de sanções e suprimentos de armas encorajaram Putin ainda mais, assegurando-lhe que não há risco militar direto da OTAN.

Além do medo de armas nucleares, há questões estruturais há muito arraigadas que também levantam a questão de saber se a OTAN coletivamente lutaria se um de seus Estados membros fosse atacado. Geração após geração, os países da OTAN da Europa Ocidental se tornaram muito confortáveis, para não dizer presunçosos, com décadas de paz e prosperidade praticamente inquestionáveis. Em todos os países, na maioria dos partidos políticos, predomina uma forte cultura pacifista, com a convicção de que todos os conflitos podem ser resolvidos por argumentos racionais, compromissos e apaziguamento, em vez de força militar violenta. É improvável que mesmo os horrores testemunhados hoje na Ucrânia tenham abalado esse conceito profundo e generalizado.

Além disso, todos os países do Ocidente capitularam a um ataque conjunto e sistemático à sua história, à sua virtude e ao seu valor próprio. As glórias do passado são denegridas porque não estão de acordo com o despertar do século XXI. Estátuas de heróis nacionais do passado são derrubadas. Qualquer menção favorável nas mídias sociais, por exemplo, de Winston Churchill, que fez mais do que qualquer um para salvar o mundo dos nazistas de Hitler, certamente receberá uma enxurrada de sarcasmo em resposta. Os governos, incluindo os ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, as mesmas pessoas que devem liderar qualquer luta contra o ataque russo, sucumbiram a essa doença na medida em que até eles revogam seu próprio passado e repudiam seu próprio presente.

Enquanto isso, em busca de um superestado, a União Europeia e suas líderes de torcida têm feito o seu melhor para minar e cancelar abertamente o espírito nacional ou patriótico dos países membros, colocando fervorosamente suas próprias bandeiras em todos os lugares, desde placas de carros até prefeituras e gastando milhões em propaganda doutrinando os jovens nas virtudes da UE desde a escola primária até a universidade e além.

Podemos esperar que os europeus lutem e morram por países cujas histórias e senso de valor moderno foram duramente denunciadas e condenadas por seus próprios líderes? Lutarão pelo aglomerado burocrático que é a UE? O patriotismo – do tipo que levou milhões em todo o mundo a se voluntariar para combater os nazistas na Segunda Guerra Mundial – exige investimento emocional em seu próprio país.

Não existe tal sentimento para a UE, mesmo quando ela procura substituir a lealdade nacional. A fidelidade a Bruxelas é transacional e em apenas uma direção. As pessoas perguntam não o que podem fazer pela UE, mas o que a UE pode fazer por elas. É claro que muitos de nossos jovens lutariam por seu país – com tanta coragem e compromisso quanto seus ancestrais – e testemunhamos isso sempre que os enviamos para a batalha. Mas quando chegar a hora de expandir nossas forças, quantos mais responderão ao chamado depois de serem educados para desprezar seu próprio país e a própria noção de lutar por ele? O exército britânico, por exemplo, luta há décadas para preencher suas fileiras cada vez menores com uma população cada vez maior.

Se de alguma forma a vontade política e popular de defender os estados membros da OTAN se materializasse, com o que os países europeus lutariam? Programas de bem-estar social em constante expansão expulsaram os militares do mercado em todo o continente. As forças armadas de todos os países são inadequadas para travar uma guerra real juntas ou sozinhas.

Ao longo de décadas, sucessivos presidentes americanos tentaram persuadir os líderes dos países europeus da OTAN a cumprir seus compromissos de gastos mínimos com defesa. Eles têm sido em sua maioria ignorados. É verdade que o chanceler alemão Olaf Scholz, chocado com as depredações russas na Ucrânia, anunciou 100 bilhões de euros em 10 anos para reenergizar as forças de defesa que sua antecessora, Angela Merkel, negligenciou deliberadamente. Mas isso mal arranhará a superfície, mesmo que o dinheiro prometido realmente se concretize, o que ainda está por ser visto.

Enquanto isso, a Grã-Bretanha, considerada militarmente a nação mais poderosa e confiável da Europa, ainda está implementando alegremente os cortes de defesa acordados no ano passado. Mesmo antes de as últimas reduções serem concebidas, as forças armadas britânicas estavam em uma maré perigosamente baixa, sem precedentes em séculos de história. Quase três meses de lições objetivas sobre porque devemos reconstruir nossas forças armadas não provocaram nenhuma sugestão do governo de que a revisão da defesa do ano passado pode ter sido mal avaliada – não tanto brincando enquanto Roma queima, mas jogando gasolina nas chamas.

Olhando para a Europa, somos tentados a pensar: não pode lutar, não vai lutar. E a América? O presidente que se esquivou até mesmo do conflito comparativamente leve no Afeganistão e está desesperado por convencer Putin de que os EUA não lutarão pela Ucrânia, enviará meninos americanos para lutar e morrer na Europa por países dos quais muitos americanos nunca ouviram falar? De qualquer forma, como ele poderia fazê-lo se as nações europeias não se esforçarem para defender seu próprio quintal?

Putin sabe de tudo isso apesar de sua retórica ridícula sobre se sentir ameaçado pelo avanço da OTAN para o leste em direção à Rússia – o que na verdade significa que a aliança defensiva aceita pedidos de adesão de antigos países do Pacto de Varsóvia mais uma vez com medo de seus antigos senhores em Moscou. Especialmente com a perspectiva indesejada de Suécia e Finlândia ingressarem na OTAN, Putin ficará tentado a continuar testando a aliança, inclusive por meio de guerra cibernética intensiva e incursões militares contra a soberania dos estados membros.

Enquanto permanecer no Kremlin, o objetivo de Putin é a neutralização da OTAN. Ele sabe que o fracasso da aliança em lutar por conta própria sob sua provocação significaria sua humilhação final e sinalizaria o fim da ordem mundial liderada pelos EUA. Para a liberdade, prosperidade e segurança das gerações futuras, isso não pode acontecer. Não será fácil nem rápido desfazer gerações de complacência auto obcecada, pacifismo enraizado, subversão deliberada do espírito patriótico e recusa em fazer sacrifícios duros em prol do interesse nacional. Acima de tudo, será necessária uma liderança forte do tipo que é difícil discernir em qualquer país da OTAN hoje. Se essa missão é impossível ou não, depende do cronograma de Putin e da rapidez com que os países europeus podem forjar novamente seu aço nacional.

Isto não é um ensaio; é uma antecipação da ameaça muito maior que virá do Partido Comunista Chinês do presidente Xi Jinping.

Artigo publicado no Gatestone Institute.

***Richard Kemp** é ex-coronel do exército britânico. Foi chefe da equipe de terrorismo internacional no Gabinete do Reino Unido e agora é autor e palestrante sobre assuntos internacionais e militares.*